

PLANTE QUE VAI TER INVERNO: CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E CIENTÍFICOS NO I ENCONTRO DE PROFETAS DA CHUVA DO CARIRI 2023

WORK THE SOIL, THERE WILL BE RAIN: TRADITIONAL AND SCIENTIFIC KNOWLEDGE AT THE I CARIRI RAIN PROPHETS MEETING 2023

Ariza Maria Rocha¹
Mateus Rocha Lima²

63

RESUMO

Por Profetas da Chuva, denomina-se o ofício, independente da questão de gênero, de interpretar e anunciar os prenúncios de um bom inverno a partir da observação da natureza, a exemplo da observação das folhas de pitombeira, do comportamento das formigas velhas, abelhas, cupins e dos sapos; o uso da varinha de goiabeira (rãdomancia), a posição dos astros e da Lua, entre outros. Por outro lado, os conhecimentos científicos empregam, em termos gerais, os recursos tecnológicos, modelos matemáticos e probabilísticos. A partir de uma revisão bibliográfica, constatou-se que tal relação tem sido abordada de diferentes maneiras, ora uníssona, ora de polaridade. Esclarece-se, ainda, que não se trata de pôr em uma balança de quem acerta mais ou menos a respeito da quadra chuvosa, muito menos tratar as diferenças/semelhanças entre tais conhecimentos. Tal relação reflete as estruturas hierarquizadas na busca de validação de verdade do conhecimento científico em detrimento da validade da Identidade cultural dos Profetas da Chuva. Nesse sentido, este texto tem o objetivo identificar a aproximação dos conhecimentos tradicionais com os científicos no I Encontro de Profetas da Chuva do Cariri, realizado no dia 20/01/2023, em Crato, Ceará (CE). Para tanto, utilizou-se a pesquisa do tipo etnográfica com observação participante e conversas informais, com 10 Profetas que compartilharam experiências provenientes dos sinais da natureza para anunciar a quadra chuvosa. Recorreu-se, também, à pesquisa bibliográfica a partir do levantamento de obras no *Google Acadêmico* para conhecer o debate a respeito da temática. Assim, as profecias que afloram das experiências individuais e coletivas dos Profetas da Chuva e dos conhecimentos dos ancestrais compõem aqueles chamados de tradicionais e reivindicam não a verdade absoluta dos conhecimentos científicos, mas os laços identitários das comunidades agrícolas do local que não dissociam o ambiente natural da herança cultural.

Palavras-chave: Profetas da Chuva. Conhecimentos Tradicionais. Conhecimentos Científicos. Cariri.

¹ Pós-doutora em Letras pela Universidade de Lisboa (FLUL). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Universidade Regional do Cariri (URCA). ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3657678560716070>. E-mail: ariza.rocha@urca.br.

² Mestre em Novos Direitos, Novos Sujeitos pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Advogado. ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7926930615209629>. E-mail: mrl.adv00@gmail.com.

ABSTRACT

Prophets of the Rain are called the profession, regardless of gender, of interpreting and announcing the harbingers of a good winter from the observation of nature, such as the observation of pitombeira leaves, the behavior of old ants, bees, termites and frogs; the use of the guava wand (rhabdomancy), the position of the stars and the Moon, among others. On the other hand, scientific knowledge generally employs technological resources, mathematical, and probabilistic models. From a bibliographical review, it is clear that this relationship has been approached in different ways, sometimes in unison, sometimes in polarity. It is also clarified that it is not a question of weighing who is more or less right about the rainy season, much less addressing the differences/similarities between such knowledge. It is argued that this relationship reflects the hierarchical structures in the search for validation of the truth of scientific knowledge to the detriment of the validity of the cultural identity of the Rain Prophets. In this sense, this text aims to identify the intersection of traditional and scientific knowledge at the I Cariri Rain Prophets Meeting, held on January 20, 2023, in Crato, Ceará, Brazil. Ethnographic research with participant observation and informal conversations with 10 Rain Prophets is employed to explore their experiences derived from nature's signs to predict the rainy season. Additionally, a literature review using Google Scholar was conducted to understand the academic discourse on the subject. The prophecies arising from the individual and collective experiences of Rain Prophets, along with ancestral knowledge, constitute a traditional knowledge. They do not claim the absolute truth of scientific knowledge but emphasize the identity bonds of local agricultural communities that do not separate the natural environment from cultural heritage.

Keywords: Rain Prophets. Traditional Knowledge. Scientific Knowledge. Cariri.

Data de submissão: 31.01.2024.

Data de aprovação: 30.06.2024.

1 INTRODUÇÃO

Os Profetas da Chuva exercem um ofício que, independente da questão de gênero, interpretam e anunciam os prenúncios de um bom inverno a partir da observação da natureza. Esses experimentos nascem das vivências de observadores da natureza, também denominados de mestres e/ou doutores da seca. Tal ofício é oriundo de “conhecimentos tradicionais associados a atividades desenvolvidas por atores sociais reconhecidos como grandes conhecedores de técnicas, ofícios e matérias-primas que identifiquem um grupo social ou uma localidade” (Iphan, 2015, 2023, *online*).

Tais conhecimentos são transmitidos pela oralidade e atravessam gerações com previsões que se apoiam no empírico para conhecer se o tempo favorece o plantio, como, por exemplo, a direção do vento, a temperatura, a umidade do ar, os astros, as plantas; os padrões de nuvens, folhas e árvores (juazeiro, carnaubeira, flamboyant, cajarana, carnaubeira, cumaru, oiticica, etc.); o comportamento de alguns animais (ninho do João-de-Barro, formiga vermelha, abelha, cupim, sapo, etc.) e exposição das pedras de sal, entre outros.

Observar a natureza e proferir o período de chuva ou de seca é uma habilidade presente no percurso histórico da humanidade “gerando o desenvolvimento de técnicas as mais variadas de previsão climática, das quais a ciência meteorológica é a caçula”. No Nordeste brasileiro, os profetas da chuva valem-se dos ciclos da natureza em que “a população rural ligada à agricultura, os ciclos naturais são o grande sincronizador dos tempos coletivos” (Taddei, 2006, p. 4, *online*).

Entre os objetivos do I Encontro de Profetas da Chuva do Cariri destacam-se: 1) aproximar o público da cultura, ciência e tecnologia; 2) valorizar o saber do homem do campo e, 3) chamar a atenção dos produtores para o diálogo de experiências e conhecimentos. A relevância do Evento é manifestada pelo interesse dos organizadores em calendarizar anualmente o encontro de Profetas da Chuva, à semelhança do município de Quixadá, Ceará, que ocorre desde 1996 (Pennesi e Souza, 2012, *online*), bem como, na

região do Seridó, Rio Grande do Norte (Silva; Andrade e Rozendo, 2014), entre outros estados nordestinos.

O debate a respeito da temática é diverso, com destaque aos trabalhos de Pennesi e Souza (2012, *online*), Folhes e Donald (2007, *online*), Araújo (2017, *online*), Santos (2019, *online*), e outros que contemplam os aspectos sociais, políticos, culturais e linguísticos, sem esquecer a denúncia de exploração da seca por políticos e pela mídia (Nêumanne, 1998, *online*).

Isso exposto, indaga-se a relação do conhecimento tradicional com o científico, contudo, aqui não se trata de pôr em uma balança quem acerta mais ou menos a respeito da quadra chuvosa, muito menos tratar de as diferenças ou as semelhanças entre tais conhecimentos, mas, focar-se-á a polaridade entre os conhecimentos tradicionais e os científicos diante do Evento supracitado.

O objetivo deste texto é: identificar como se estabelece o diálogo entre os conhecimentos tradicionais e científicos do I Encontro de Profetas da Chuva do Cariri, realizado no dia 20/01/2023, em Crato – CE, no Auditório do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, *Campus Crato*. O Evento contou com a parceria da Secretaria de Desenvolvimento Agrário e Recursos Hídricos/ Prefeitura do Crato e do Sindicato de Trabalhadores Rurais do Crato.

A relevância da temática volta-se ao debate a respeito do conhecimento científico e do tradicional de comunidades agrícolas, em particular, os Profetas da Chuva, diante da relação com a natureza e das condições sociais que compuseram os conhecimentos diversos, complexos e criativos experimentos na luta pela sobrevivência diante dos períodos de seca no Nordeste brasileiro.

2 OS PROFETAS DA CHUVA DO CARIRI

Nem o solo e o clima, por si só, são suficientes para garantir a produção de bens alimentares. A natureza é mestre, mas é preciso conhecer e interpretar seus sinais

(indicadores) para plantar na hora certa, colher uma boa safra e realizar outras atividades agrícolas com os benefícios da chuva. Assim, a vivência ensina os sinais da natureza, mas interpretá-los é um dom vindo de Deus, conforme profetiza Francisco Augusto durante a realização do I Encontro de Profetas da Chuva do Cariri no dia 20 de janeiro de 2023: “Deus me deu o dom, a força e o saber/ Plante que vai ter inverno!”.

Os experimentos dos profetas da chuva remontam à difícil convivência com a seca, seja pela falta, irregularidade e/ou a má distribuição das chuvas no Nordeste brasileiro que atinge o agricultor, produtor e a maioria da população. A respeito desses mencionados períodos, Lima e Magalhães publicam o texto intitulado “Secas do Nordeste: registros históricos das catástrofes econômicas e humanas do século 16 ao século 21” (2018) e demarcam o primeiro registro realizado, em 1553, pela ordem religiosa dos jesuítas.

Já Guerra (1981) registra as estratégias e estruturas criadas pelos governos, a exemplo da criação da barragem no açude do Cedro, em Quixadá, pelo Rei Dom Pedro II, por conta da grande seca dos três sete (1877, 1878 e 1879) e a criação da Inspeção de Obras Contra as Secas - IOCS, em 1909, substituída pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas – DNOCS, em 1945, além de outras ações e programas de recursos hídricos e financeiros envolvendo “questões de ordem política e socioeconômica” (Guerra, 1981, p.21, *online*).

Para enfrentar as calamidades de tal fenômeno que, não se limitam aos aspectos geográficos das regiões que compõem o Polígono da Seca, alguns municípios do Ceará atravessam periodicamente irregularidades das chuvas, estiagens climáticas e consequências sociopolíticas. Nesse contexto, destaca-se o difícil ofício do Profeta da Chuva e a esperança em cada cearense na obra de Rachel de Queiroz:

Vá, por exemplo, ao sertão nordestino, nos meses de novembro e dezembro. O povo lá não tira os olhos do céu, em procura dos prenúncios. Pequenas nuvens ao poente... pequenas, claro, ainda não é tempo das grandes, mas, se elas se juntam para o sul, quer dizer uma coisa, se aparecem ao poente, a coisa muda. [...] (Queiroz, 2003, p. 13).

Da interpretação vai o compartilhamento dos experimentos que saiu da roça para os palcos com as “performances” (Taddei, 2006, p.3, *online*) conforme acontece no Encontro Anual dos Profetas da Chuva, em Quixadá - CE (desde 1997) e em Tejuçuoca-CE (desde 2004) e que inspiram a calendarização de tal encontro no município do Crato-CE que, será tratado nas próximas páginas.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A coleta de dados ocorreu por intermédio da observação participante, conversas informais e registros fotográficos dos Profetas da Chuva, no Evento realizado no auditório do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, *Campus Crato*. Somam-se, ainda, os registros audiovisuais e as notícias veiculadas na mídia e no Portal da Prefeitura Municipal do Crato. Recorreu-se, também, à pesquisa bibliográfica com levantamento de trabalhos acadêmicos divulgados no *Google Acadêmico*.

A realização dessa investigação seguiu os procedimentos da abordagem qualitativa com característica empírica e interpretativa que fundamentaram a pesquisa do tipo etnográfica pela busca de apreender as profecias através da “descrição densa” (Geertz, 2008) e construir a narrativa textual.

O município do Crato realizou o I Encontro de Profetas da Chuva do Cariri no dia 20 de janeiro de 2023. Localizado no Sul do Estado do Ceará, o Cariri possui vinte e oito municípios, divididos em microterritórios³: Central (Abaiara, Barbalha, Caririaçu, Crato, Farias Brito, Granjeiro, Jardim, Juazeiro do Norte, Missão Velha e Várzea Alegre), Leste (Aurora, Barro, Brejo Santo, Jati, Mauriti, Milagres, Penaforte e Porteiras) e Oeste (Altaneira, Antonina do Norte, Araripe, Assaré, Campos Sales, Nova Olinda, Potengi, Salitre, Santana do Cariri e Tarrafas (Brasil, 2010, *online*).

³Segundo Brasil (2010, p. 20, *online*), “Esta configuração estabeleceu-se a partir das leis complementares do Estado do Ceará, que são as seguintes: Lei Complementar nº 03, de 26/06/1995 – D.O. de 27.06.1995, Lei Complementar nº 18, de 29/12/1999 – D.O. de 29.12.1999 e Lei Complementar nº 34, de 21/05/2003 – D.O. de 23.05.2003”.

A região é banhada pela bacia hidrográfica do Salgado (antigo Jaguaribe-Mirim) e favorecida por 294 fontes naturais que possibilitam “atividades produtivas agrícolas, não-agrícolas e industriais, com destaque para a fruticultura irrigada, a piscicultura, o turismo ecológico e um parque de agroindústrias, entre outras” (Brasil, 2010, p. 166, *online*). Mesmo assim, na região há períodos de estiagem e/ou seca que impactam 32% da população rural, formada por 57.493 estabelecimentos de agricultura em que 52.030 estabelecimentos correspondem aos agricultores familiares e 5.463 estabelecimentos de agricultura não familiar (Brasil, 2010, *online*).

Nesse contexto, destacam-se as culturas de subsistência, a fruticultura e a pecuária (Brasil, 2010, p. 204, *online*) como principal setor produtivo da região que se relacionam com o universo cultural das comunidades agrícolas e com o ofício dos Profetas da Chuva e os “conhecimentos tradicionais associados às atividades desenvolvidas por atores sociais reconhecidos como grandes conhecedores de técnicas, ofícios e matérias-primas que identifiquem um grupo social ou uma localidade” (Iphan, 2015, 2023, *Online*), em outras palavras, os prognósticos dos Profetas da Chuva orientam o plantio na comunidade.

O Evento contou com a participação de artistas e autoridades locais, bem como representantes de instituições (IFCE, Sindicatos, dentre outros). Em destaque, a participação dos profetas da chuva do município de Crato com o propósito de compartilhar o conhecimento tradicional e “dividindo o palco” com o conhecimento científico para chamar a atenção dos produtores para o diálogo e a troca de experiências e saberes (Profetas..., 2023, *online*).

Em destaque, os Profetas da Chuva dos municípios do Crato, Barbalha, Caririaçu, Quixadá, e outros municípios, convidados para proferir a quadra invernososa. Assim, aqueles “observadores da natureza”, “mestres” e “doutores da seca” fizeram as previsões a partir de suas vivências e aprendizados provenientes da natureza, ou melhor, a “relação com a terra é de familiaridade” (Pennesi e Souza, 2012, p. 162, *online*).

O evento contou com a presença de 10 Profetas da Chuva que fizeram seus prognósticos do inverno, como, por exemplo, Valdemar da Silva; Jeová Aniceto; Francisco Augusto; Rodrigo de Barbalha, Sra. Neli Pereira, José Reinaldo de Caririaçu; Francisco Porto;

Erasmus Barreira de Quixadá; entre outros. O Evento contou, também, com as explicações meteorológicas, apresentações artísticas e discursos das autoridades e organizadores. Eis alguns Profetas da Chuva do Cariri:

Figura 1 – Profetas da Chuva no I Encontro de Profetas da Chuva do Cariri, CE

I – Encontro dos Profetas da Chuva no Cariri-CE

Jeová Aniceto O profeta, agricultor e membro da Banda dos Irmãos Aniceto, parte da observação do percurso das formigas vermelhas que, não trabalham de dia e, sim, de noite sinalizando a chegada do inverno



Dona Neli, parteira, agricultura e profetisa: Observa a força da lua para nascer menino, movimentando as marés e trás chuva;” Eis minha cultura, eis meu mestre. Vivência da agricultura familiar, a experiência, a força saber (...).



Francisco Porto “homem que descobre água com a varinha de goiabeira (também, pode usar pendulo e fio de cobre ou de alumínio) para perfurar poços (cacimbão)



Francisco Augusto “Não tenham medo de botar legume na terra! Porque vocês vão ter uma safra ótima. Vai ter inverno! Quem está dizendo isso aqui tem experiência mais de 30 anos de profecias”



Valdemar da Silva observando as folhas da pitombeira constatou a redução dos frutos nas árvores frutíferas de sua pequena propriedade e afirma: “Ano passado a pitombeira tinha quase a quantidade de folhas e frutos



Fonte: Arquivo dos Pesquisadores, 2023.

No encerramento, uma calorosa confraternização e a certeza da realização do encontro anualmente no município, além da previsão do auspicioso inverno para 2023, marcaram o I Encontro dos Profetas da Chuva do Cariri.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Na labuta diária pela sobrevivência no campo, o agricultor observa a natureza e ouve os Profetas da Chuva para fazer as “experiências” de um bom inverno ou não, conforme anuncia Francisco Augusto: “Não tenha medo de plantar legume na terra, sou eu profeta que ‘tô’ dizendo, vai ter inverno no Ceará!”.

Concomitante com o conhecimento tradicional, estão os conhecimentos científicos, através dos recursos tecnológicos e das previsões feitas por modelos matemáticos e

probabilísticos, a exemplo da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos - FUNCEME, criada em 1972 e, atualmente, integrando a Secretaria dos Recursos Hídricos do Ceará - SRH⁴, bem como o Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos/Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE.

No evento realizado no Crato, o primeiro Profeta da Chuva a apresentar sua experiência como observador da natureza para interpretar os sinais de um bom inverno foi Valdemar da Silva, residente do Crato. Observando as folhas da pitombeira, ele constatou a redução dos frutos nas árvores frutíferas de sua pequena propriedade e afirma: “Ano passado a pitombeira tinha quase a mesma quantidade de folhas e frutos”. Tal experimento provem do conhecimento das utilidades das árvores e arbustos da Caatinga, conforme trata Maia (2004).

Nesse contexto, Araújo (2017, *online*) elenca as plantas bioindicadoras de chuvas no município de Remígio - PB, bem como o comportamento dos animais, que indica período chuvoso, o cotidiano das comunidades voltadas à agricultura no referido município, e os animais bioindicadores de chuvas, atribuindo a presença da Etnoclimatologia no cotidiano dos agricultores e agricultoras.

Valdemar da Silva, Profeta da Chuva, ainda, levantou a questão do desmatamento na região que causa a queda da produtividade, pois, “normalmente em anos que a produção de frutas é maior, o inverno também é bom”, disse ele. Além das previsões, esse mesmo Profeta expõe, também, a seguinte preocupação: “E quando não tiver mais árvore?”. O profeta, que também é agricultor, avisa: “Quando não tiver mais árvore, não haverá frutas, nem água retida nas raízes. O solo ficará comprometido, as queimadas serão mais frequentes e ameaçarão os seres vivos, o meio ambiente e a cadeia alimentar”.

Eis o alerta ecológico que o Sr. Valdemar lembra aos presentes que sabe da importância de preservar o meio ambiente, pois, sem condições de plantio, não há

⁴ A FUNCEME foi “criada em 18 de setembro de 1972 com o nome de Fundação Cearense de Meteorologia e Chuvas Artificiais, o órgão estadual iniciou suas atividades a partir da necessidade de encontrar saídas para as severas secas que assolavam o Ceará” e, “em 1987 atual estrutura, modificando o nome da instituição para Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos - Funceme, integrando hoje a Secretaria dos Recursos Hídricos do Ceará – SRH. (Ceará, *online*).

produção de alimentos e nem qualidade alimentar que possa oferecer à sua família ou vender o excedente.

Em seguida, o Profeta da chuva Jeová Aniceto fez o prognóstico a partir da observação do percurso das formigas vermelhas que, “não trabalham de dia, e sim de noite, sinalizando a chegada do inverno com os trovões que sinalizam o período chuvoso”. É da vivência na roça que o Sr. Jeová é conhecedor do comportamento desse tipo de formiga.

Recorrer aos sinais de um bom inverno ou não, pela percepção e interpretação da natureza, são experiências repassadas de pai para filho com predomínio da oralidade e somam-se aos estudos da Etnoclimatologia em que “os prognósticos de chuva fazem parte da cultura de um povo, na qual a percepção auxilia na adaptação do homem do campo às condições climáticas do semiárido” (Bastos e Fuentes, 2015, p.176, *online*).

Prever um bom período chuvoso pelo comportamento de animais, plantas, astros e condições atmosféricas, faz parte da Etnoclimatologia que, segundo Bastos e Fuentes, “mostrou-se um vasto campo de conhecimento arraigado na memória e na cultura de um povo que merece mais estudos específicos” (Bastos e Fuentes, 2015, p. 182, *online*).

Os jovens Profetas da Chuva aprendem com os experientes, como, por exemplo, o Profeta Rodrigo, do Sítio Estrela, em Barbalha, que aprendeu o ofício observando outros profetas. Sua profecia parte do comportamento das abelhas, do cupim e do sapo que indicam regularidade das chuvas. E complementa: “Para se ter comida, tem que ter regularidade de chuva: chuva à noite e sol durante o dia”. Guerra (1981, p. 21) corrobora com a necessidade de chuvas regulares e explicita:

Em região onde a maioria da população vive da pequena agricultura, a falta de chuvas suficientes para as colheitas e pastagens forçosamente abala e desorganiza a economia e a própria vida da sociedade. Não só a falta de chuvas é prejudicial, mas a sua irregularidade.

Assim, além da estiagem, o fenômeno da irregularidade de chuva pode acontecer ao longo dos anos, meses, podendo ser identificada a partir do solo. Alguns Profetas da Chuva adotam outras experiências na busca de água no solo, como, por exemplo, a rãdomancia,

também conhecida como radiestesia ou radiostesia. Na região, o Sr. Antônio Porto utiliza “a varinha” feita dos ganhos da goiabeira como instrumento para encontrar água e cavar poços pela vibração e/ou frequência energética. A técnica é conhecida em comunidades rurais na construção de cacimbas e poços artesanais.

Para uns, a técnica é classificada com pseudociência (Shappo, 2022, *online*), para outros, superstição, conforme aponta Lebrun (1720, *online*). Diante do debate do que é ciência, pseudociência e conhecimento tradicional está o sistema cultural que atravessa gerações no intuito de sentir, perceber e interpretar a natureza.

Em seguida, o Profeta Francisco Augusto anuncia que - “vai ter inverno” - e apoia-se na posição dos astros para justificar tal afirmação. Observar as estrelas, o sol, a lua, enfim, o céu e buscar presságios é uma prática que a humanidade carrega desde os primórdios. Schappo explica:

[...] Muito antes de adquirirem esse conhecimento científico, nossos antepassados aprenderam sobre os padrões climáticos observando o céu. Há constelações de estrelas que só aparecem no céu noturno nos meses de verão, enquanto outras são visíveis no inverno [...] (2022, *online*).

Identificar os dias longos (com mais luz) e aqueles curtos (menos luz) a exemplo dos fenômenos astronômicos de solstícios e equinócios, bem como, as mudanças dos períodos das secas e das chuvas são experiências que anunciam o tempo de preparar o solo, plantar e colher. Observar os sinais da natureza, representa, também, conhecer as particularidades ambientais e geográficas do local que contemplam a relação direta ou indireta com a identidade cultural assim, cada Profeta da chuva possui uma maneira diferente de observar a natureza, de acordo com as especificidades do lugar⁵.

A agricultora e parteira, Neli Pereira, aprendeu a fazer profecias com o pai, herança passada pelo avô. Segundo ela, é a força da lua que movimenta as marés e as chuvas, do mesmo jeito, ela aprendeu que a força da Lua faz criança nascer. Tal interpretação brota da vivência. A esse respeito, Pennesi e Souza explicam que se trata de uma “proximidade com a

⁵ Segundo IPHAN, “Lugares são espaços físicos imbuídos de significação cultural, aos quais são atribuídos valores” (*online*).

atividade do campo que se dá pela rememoração de suas vivências passadas ou de familiares próximos” (2012, p. 162, *online*).

No final da manhã, o poeta-profeta Francisco Augusto versou: “Eis minha cultura, eis meu mestre/Vivência da agricultura familiar/a experiência, a força saber [...]. Plante que vai ter inverno!”. Em tais versos, o poeta revela a relação do plantar com a experiência e a arte que se manifesta na poesia, música e dança dos Irmãos Aniceto, ou seja, tais experiências estão estruturadas “nas tradições de cada região e é usada como afirmação de identidades locais” (Pinto, 2005, p.289, *online*) por compor um “conjunto de práticas, relações sociais, cosmologias e representações simbólicas que expressam significados que caracterizam o modo de vida das comunidades produtoras” (Pinto, 2005, p.283, *online*).

Por essa via, os conhecimentos tradicionais são legítimos, pela experiência pessoal com a natureza e ligação com o conhecimento, que atravessa gerações e ultrapassa as fronteiras das classificações científicas para estar “a serviço da ciência” (Folhes; Donald, 2007, *online*), como, por exemplo, o uso de plantas medicinais, uso do veneno de alguns animais na produção de remédios, etc., assim, as interações entre os conhecimentos tradicionais e científicos vão além da polarização enraizada nas estruturas hierarquizadas do conhecimento científico da sociedade Ocidental, desde o período da Modernidade. Tal hierarquia é histórica, conforme explica Santos:

O modelo de racionalidade que preside a ciência moderna, constituiu-se a partir da revolução científica do século XVI e foi desenvolvido nos séculos seguintes, basicamente no domínio das ciências naturais. Ainda que com alguns prenúncios no século XVIII, é só no século XIX que este modelo de racionalidade se estende às ciências sociais emergentes. A partir de então, pode falar-se de um modelo global de racionalidade científica que admite variedade interna, mas que se distingue e defende, por via de fronteiras ostensivas e ostensivamente policiadas, duas formas de conhecimento não científico (e, portanto, irracional), potencialmente perturbadoras e intrusas: o senso comum e as chamadas humanidades ou estudos humanísticos (em que se incluíram, entre outros, os estudos históricos, filológicos, jurídicos, literários, filosóficos e teológicos). Sendo um modelo global, a nova racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega o carácter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas (Santos, 2019, p. 34, *online*).

Por essa via de compreensão, prevalece a negação da dinâmica sociocultural dos conhecimentos tradicionais que “continuamente se atualizam, podendo incorporar técnicas e novas informações sem perder o que os diferencia: uma certa relação entre as pessoas e das pessoas com a natureza” (*Ibidem*), assim, a “separação entre o ambiente natural e a herança cultural seria ir contra a vivacidade dos processos reais” (Pantoja, 2017, p. 69, *online*).

Ainda discordando dessa polaridade, Pantoja (2017) alerta sobre a desclassificação de tal conhecimento em relação à ciência, pois “cria-se uma oposição [...], uma barreira entre eles, na verdade uma hierarquia, enfim, uma relação de poder” (2017, p. 65, *online*) em que a presença do conhecimento popular – outrora, pejorativamente, definido como vulgar ou leigo – deixou de ser vista como uma presença intrusa, para ser acolhida como um ponto de vista capaz de contribuir com um olhar qualificado pela experiência indistinta entre o ser e o conviver das pessoas que partilham esse conhecimento.

Conectados à natureza e vivenciando os experimentos através dos anos, os conhecimentos dos Profetas da chuva transcendem os termos atribuídos de “previsões folclóricas”, “conhecimentos ultrapassados”, que contrapõem o sentido de “moderno”. A esse respeito, Pantoja alerta para o termo “tradicional”, que remete ao entendimento de “ultrapassado” e “tende a fazer com que se imagine algo do passado, em oposição a algo que seria ‘moderno’” (Pantoja, 2017, p.66, *online*) e parafraseando Pantoja, pode-se considerar os Profetas das Chuvas, como “cientistas locais, sabedores tradicionais que, tal como nas salas de aula e laboratórios das universidades, fazem experimentações, por exemplo, em seus roçados [...] e florestas, que, portanto, funcionariam como verdadeiros laboratórios” (2017, p. 66, *online*).

Nesse sentido, um par de condições metodológicas emergentes revitalizaram as ciências empíricas humanistas, não para enfatizar divisas com modelos clássicos das ciências exatas, mas para nortear uma aplicação social mais pragmática e objetiva, sem, contudo, descartar a sensibilidade e a sabedoria popular.

Os experimentos dos Profetas da Chuva são “práticas sociais e processos comunicativos híbridos e complexos que promovem a integração de múltiplos sistemas simbólicos de diversas procedências” (Iphan, *Online*) que revelam as práticas apreendidas na própria comunidade e/ou em troca com outras, transmitidas ao longo de gerações e gerações, diante da necessidade de sustento e, possibilitando criar práticas sustentáveis, respeitando o meio ambiente e o meio cultural, onde não se busca a validade da verdade, mas a “reivindicações válidas de identidade” (Santos, 2019, p. 34, *online*). E mais:

76

A importância das “experiências” vai além da capacidade de percepção das evidências empíricas encontradas na natureza por parte dos “profetas das chuvas”. Seu conhecimento também proporciona um olhar rápido sobre o ponto de vista do sertanejo, bem como sobre a forma típica de interação do homem do sertão com a natureza. Certamente, as previsões populares não se limitam em tentar antever o sucesso ou fracasso da safra agrícola, na verdade, as profecias fornecem também um entendimento do vínculo desses indivíduos com o meio natural (Folhes; Donald, 2007, p. 28, *online*).

Por fim, tais experimentos não substituem, competem ou revogam os conhecimentos metódicos, apenas oferecem uma interpretação particular, indivisível da aprendizagem entre o homem e a natureza enraizada no empírico, fonte do conhecimento tradicional e conhecimento científico lembrando que as interpretações vão além da dualidade natureza-cultura e conhecimento tradicional *versus* conhecimento científico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Etnografando o I Encontro de Profetas da Chuva da Cariri, realizado no início do ano de 2023, identificou-se os experimentos de 10 Profetas da Chuva da região, que anunciaram uma boa quadra chuvosa diante dos sinais provenientes da natureza, a exemplo da observação das folhas da pitombeira, do comportamento das formigas velhas, abelhas, cupis e dos sapos; o uso da varinha de goiabeira (râdomancia), a posição dos astros e da Lua, entre outros.

Destaca-se aqui a interação dos conhecimentos tradicionais com os conhecimentos

científicos, como, por exemplo, os estudos da Etnoclimatologia, do meio ambiente, do uso de plantas medicinais, da produção de remédios a partir de animais venenosos, etc. Assim, as profecias que afloram das experiências individuais e coletivas dos Profetas da Chuva e dos conhecimentos dos ancestrais, compõem aqueles chamados de “tradicionais” e reivindicam não a verdade absoluta dos conhecimentos científicos, mas os laços identitários das comunidades agrícolas do local, que não dissociam o ambiente natural da herança cultural.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, D. B. **Profecias de Chuvas na visão dos agricultores e agricultoras do município de Remígio-PB**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Agrárias, Areia-PB, 2017. Disponível em <https://abre.ai/hJO1>. Acesso em: 26 jul. 2023.

BASTOS, S.; FUENTES, M.C. O Uso da Etnoclimatologia para a previsibilidade de chuvas no Município de Retirolândia-BA. **Revista do CERES**, v. 1, n. 2, p. 176-183, 2015. Disponível em <https://abre.ai/hJPh>. Acesso em: 22 jan. 2023.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Plano Territorial de Desenvolvimento Rural, Sustentável e Solidário Território do Cariri-MDA/SDT/AGROPOLOS**. Fortaleza: Instituto Agropolos do Ceará, 2010. Disponível em <https://abre.ai/hJSB> Acesso em: 22 jan. 2023.

CEARÁ. Secretaria da Cultura – SECULT – Arquivos Mestres da Cultura. [S.l.:s.n.], 2004. Disponível em <https://abre.ai/hJQI>. Acesso em: 19 set. 2023.

CEARÁ. Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos – FUNCEME. Secretaria dos Recursos Hídricos do Ceará – SRH. **Sobre a Funceme**. [S.l.:s.n.], [2024?]. Disponível em <https://abre.ai/hJQi> Acesso em: 19 set. 2023.

CRATO. Prefeitura Municipal. Crato terá encontro dos profetas da chuva na próxima sexta-feira, 20. Crato, 17 jan. 2023. Disponível em: <https://abre.ai/hJRX>. Acesso em: 22 jan. 2023.

CRATO. Prefeitura Municipal. **Saber popular e ciência reunidas no I Encontro de Profetas da Chuva do Cariri, em Crato**. Crato, 20 jan. 2023. Disponível em: <https://abre.ai/hJRZ>. Acesso em: 22 jan. 2023.

FOLHES, M. T.; DONALD, N. Previsões tradicionais de tempo e clima no Ceará: o conhecimento popular à serviço da ciência. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 19, n. 2, p. 19-31, dez. 2007. Disponível em <https://abre.ai/hJQq> Acesso em: 22 jan. 2023.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUERRA, P.B. **A civilização da seca**. Fortaleza, DNOCS, 1981.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Livro dos Saberes**. Disponível em <https://abre.ai/hJQO> Acesso em: 26 jul. 2023.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Fototeca Registro dos Saberes**. [S.l.:s.n.], 2015. Disponível em: <https://abre.ai/hJQO> Acesso em: 19 set. 2023.

LE BRUN, R. P. P. **Histoire Critique des Pratiques Superstitieuses, Qui ont séduit les Peuples, & embarrassé les Sçavans**: avec la methode et les principes pour discerner les effets naturels d'avec ceux qui ne le sont pasa. 2. ed. [S.l.:s.n.], 1720. Disponível em: <https://abre.ai/hJRs>. Acesso em: 17 jan. 2023.

LIMA, J.R.; MAGALHÃES, A. R. Secas no Nordeste: registros históricos das catástrofes econômicas e humanas do século 16 ao século 21. **Memória. Parc. Estrat.**, Brasília, Seção 4, v. 23, n. 46, p. 191-212, jan./ jun. 2018. Disponível em: <https://abre.ai/hLup>. Acesso em: 07 ago. 2022.

MAGALHÃES, J. **Previsões folclóricas das secas e dos invernos do Nordeste brasileiro**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1963.

MAIA, G. N. **Caatinga**: árvores e arbustos e suas utilidades. São Paulo: D & Z, 2004. Disponível em: <https://abre.ai/hJRG>. Acesso em: 10 mar. 2022.

NÊUMANNE, J. Crítica da fome anunciada. **Jornal Espaço Aberto**, São Paulo, 29 abr. 1998.

PANTOJA, M. C. Conhecimentos Tradicionais. In. ALBUQUERQUE, G. R; PACHECO, A. S. (org.). *Uwa'kürü: dicionário analítico*. Rio Branco: Nepan, v. 2, p. 62-79, 2017. Disponível em: <https://abre.ai/hJRG>. Acesso em: 19 set. 2023.

PENNESI, K.; SOUZA, C.R.B. Encontro Anual dos(as) Profetas da Chuva em Quixadá, Ceará: a circulação de discursos na invenção de uma tradição. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 38, p. 159-186, jul./dez. 2012. Disponível em <https://abre.ai/hJRM> Acesso em: 19 set. 2023.

PINTO, M. D. N. Sabores e saberes da casa de Mani: a mandioca nos sistemas culinários. In. CUNHA, M.C. (org.) Patrimônio imaterial e biodiversidade. **Revista do Patrimônio**

Histórico e Artístico Nacional. Brasília, n. 32, p. 280-301, 2005. Disponível em: <https://abre.ai/hJRS>. Acesso em: 19 set. 2023.

PROFETAS da chuva preveem bom inverno. **Jornal Leia Sempre Brasil**, Crato, Ceará, 22 jan. 2023.

QUEIROZ, R. **Existe outra saída, sim.** Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2003.

SANTOS, B.S. As Ecologias dos saberes. *In:* SANTOS, B.S. Construindo as Epistemologias do Sul para um pensamento alternativo de alternativas. **CLACSO**, v. 1, p. 224-259, 2019. Disponível em <https://abre.ai/hJSb> Acesso em: 22 jan. 2023.

SCHAPPO, M. G. Como os astros influenciam nossa vida? Veja o que é ciência ou não... **Idoeta**, BBC News Brasil, Londres, 04 maio 2022. Disponível em <https://abre.ai/hLuB>. Acesso em: 22 jan. 2023.

SCHAPPO, M. G. É possível usar forquilha pra achar água? **Questão de Ciência**. 22 fev. 2022. Disponível em <https://abre.ai/hJSf> Acesso em: 22 jan. 2023.

SILVA, N. M.; ANDRADE, A.J.P.; ROZENDO, C. 'Profetas da chuva' do Seridó potiguar, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. Hum.*, Belém, v. 9, n. 3, p. 773-795, set./dez., 2014. Disponível em: <https://abre.ai/kgDL>. Acesso em: 17 jul. 2024.

TADDEI, R. Oráculos da chuva em tempos modernos: mídia, desenvolvimento econômico e as transformações na identidade social dos profetas do sertão. *In:* MARTINS, K. (org.). **Profetas da Chuva**. Fortaleza: Tempo D'Imagem, 2006. Disponível em: <https://abre.ai/hJSi> Acesso em: 22 jan. 2023.

Agradecimentos: Aos Profetas da Chuva do Cariri.